

Haroldo II

A paixão de Haroldo

I

Haroldo acendeu o último cigarro. Mais uma vez, fumara demasiado depressa, de modo que seria obrigado a passar o resto do tempo sem distração. Não conseguia se acostumar com aquele serviço; a vigília quase sempre tranqüila; as horas passando devagar, quase parando; os olhos postos com atenção na calçada oposta, tentando penetrar na escuridão da noite de inverno. Tragou rápido, com os olhos bem abertos, e tentou animar-se. Mais meia hora e poderia descansar, afastar da cabeça a silhueta do outro homem, deixar de lado os vultos rápidos que se esgueiravam do outro lado da rua. Interessante como cada um tinha a sua maneira de agir. Alguns vinham quase correndo e entravam direto. Outros paravam a meio quarteirão de distância e ficavam tempo considerável espreitando o ambiente, para depois virem devagar, junto às casas, como ratos. Mas todos acabavam chegando na porta de madeira, entreaberta, de onde tinham acesso ao quarto do chefe. Ele era o único companheiro de Haroldo nas madrugadas: nada além de uma silhueta que vez por outra levantava da cadeira e dava uns passos para a frente. Se, por qualquer razão, a figura saísse da moldura da janela, Haroldo deveria atravessar a rua e defender o chefe, porque certamente alguma coisa estaria errada. Mas, até então, com mais de vinte madrugadas de serviço, nada acontecera. Era um trabalho como qualquer outro: tinha suas dificuldades

e seus pontos positivos. Olhou para o relógio: cinco e dez, a hora mais fria da noite. A hora preferida pela menina do casaco verde.

Haroldo reparara nela logo na primeira vez. Costumava aparecer toda a semana, sempre com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco imenso, caminhando devagar, às vezes até assobiando. Calculava para ela no máximo dezoito anos. Gostava do jeito dela andar, a cabeça erguida, mas sem demonstrar orgulho demasiado; os cabelos pretos caindo livres até os ombros. Ela costumava abandonar Haroldo junto com o último cigarro, deixando ainda mais vazia a rua toda, quase sempre coberta por uma cerração úmida. O rosto da menina, Haroldo não conhecia, mas já imaginara de muitos modos diferentes; os olhos, porém, eram negros, sempre negros.

Naquele dia, ela apareceu cinco minutos depois de Haroldo ter jogado fora a última bagana. Ele apagou a pequena chama com a ponta da bota e acompanhou os movimentos da menina. Alguma coisa estava errada. As mãos não estavam nos bolsos e ela caminhava devagar, mas com a cabeça baixa. Passou pela porta e logo a sua silhueta era visível junto à silhueta do chefe. Então, em vez de simplesmente entregar o dinheiro e pegar o pó, ela parecia falar, gesticular. Pouco depois, o homem levantou-se da cadeira e pareceu disposto a empurrar a menina para fora da sala. Mas ela resistia e tentava livrar-se das mãos que a agarravam. Era o bastante. Haroldo atravessou a rua rápido, com a mão direita na coronha do 38, passou pela porta e entrou na sala. Logo estava com a menina presa pelas costas. Ela esperava, mas dali não sairia.

— Qual é o problema? — disse Haroldo. A menina ficou mais calma e parou de berrar. O chefe fez um sinal para Haroldo largá-la, e ela parecia disposta a não incomodar mais. Pouco depois virou-se e encarou Haroldo pela primeira vez. Ele descobriu dois olhos castanhos, muito claros, e traços delicados, quase infantis. Dezesseis anos no máximo.

— Parece que a moça tá com problemas — disse o chefe. — Não tem dinheiro e quer levar o pó assim mesmo. Eu disse que não trabalho com crediário nem conta-corrente, mas ela não entende.

— Hoje eu não tenho — cortou a menina — mas amanhã vou ter, eu juro.

Haroldo olhou para o chefe e este fez uma careta de pena muito melodramática para ser verdadeira. O que falou também soou falso:

— Eu queria muito te ajudar, mas não posso, querida. Amanhã tu vem buscar, com o dinheirinho na mão, tá? — mas ela insistiu:

— Tu não entende, cara, eu quero agora, tô numa *bad-trip*, eu preciso do brilho pra sair dessa.

— Te manda, guria — disse o chefe. Ela ficou parada. — Haroldo, pega essa putinha e arranca ela daqui.

— Vamos — disse Haroldo, enquanto pegava no braço da menina e começava a arrastá-la para fora.

— Tu vai te foder, cara, ninguém mais vai comprar dum cara nojento como tu — disse a menina. Mas o chefe já estava sentado, acendendo um cigarro. Haroldo levou-a duas quadras adiante.

— Não volta pra lá. Se voltar, leva um tiro — e Haroldo mostrou o 38 na cintura. Ela cuspiu e respondeu:

— Te fode com esse revólver de merda — mudou um pouco a expressão e continuou: — Olha aqui cara, eu tô precisando. Não tô legal — Haroldo olhou para o relógio de pulso.

— Agora não adianta mais — disse. — O chefe já foi embora. Ele é bem pontual.

— Pontual e filho da puta — disse a menina.

— Problema dele — disse Haroldo. Olhou para ela mais uma vez, deu meia-volta e começou a andar em direção à parada de ônibus. Depois de algum tempo, ouviu passos nas suas costas. Virou-se; ela estava bem atrás dele, com as mãos nos bolsos e se esforçando para parecer simpática.

— Algum problema? — perguntou ela. — Tu te importa se eu andar do teu lado?

Haroldo não disse nada. Voltou a caminhar, e a garota seguiu-o, enquanto o dia começava a surgir no outro extremo da rua. Os cabelos da menina, apesar de sujos, ganhavam um brilho intenso. Ela falou primeiro:

— Eu nunca tinha te visto — Haroldo quieto. Não

sabia o que dizer. Ela insistiu: — Eu sempre compro daquele cara, mas achava que ele trabalhava sozinho — Haroldo botou o dedo no nariz. Procurava, desesperado, algo para dizer, mas não conseguia formular uma frase.

— Tu não gosta de falar, é? — Haroldo fez um esforço e respondeu:

— É.

— Tu também vende pó?

— Não.

— Então o que tu tem com aquele cara?

— Segurança.

— Não acredito — disse a menina.

— Problema teu — disse Haroldo. Ela tentou acalmá-lo:

— Meu nome é Dinda. Quer dizer, é Lucinda, mas eu gosto de Dinda. Se não me engano... — pensou um pouco e continuou —... o cara te chamou de Haroldo.

— Meu nome é Mário.

— Haroldo... Legal esse nome. É bem diferente.

Caminharam por mais algum tempo, em silêncio. Então, ela recomeçou: — Haroldo, será que tu não conseguia só um pouquinho de pó? Uma graminha só.

— Não tenho — disse Haroldo.

Ela insistiu: — Me dá uma chance, cara. O dia tá nascendo, olha como essa rua tá bonita com a cerração, parece cinema, e eu nessa merda toda.

Haroldo cortou: — Não tenho.

— Então me dá uma grana pra mim poder comprar. Amanhã eu te devolvo, vou ganhar do meu pai — Haroldo sorriu pela primeira vez:

— Aí tu compra o teu brilho e eu não compro o meu farroupilha de mortadela. Ótima idéia.

— Olha aqui, cara — disse Dinda. — Não me vem com essa de pobre coitado pra cima de mim, tá legal? — fez uma cara de bandido e continuou: — Eu matei pra comer... Legal, legal mesmo, mas em mim tu não cola essa não. Eu conheço o jogo todo, cara — parou um pouco, tomou fôlego e fez mais uma tentativa: — Me arranja só três carreirinhas. Três. Só isso.

Haroldo parou, agarrou o braço de Dinda com força e disse:

— Te toca, gurria, tu já encheu o meu saco.

Os olhos dela brilhavam quando desafiou: — E se eu não for embora, cara, o que que tu faz? Tu puxa o revólver e me dá um tiro? Ou vai me dar uma porrada?

Haroldo ergueu o braço para bater, mas não pôde. Ficou com ele a meio caminho. Impossível bater naqueles olhos. Ela sorriu:

— Ótimo, ótimo. Parece que agora nós vamos nos acertar — ele baixou o braço e disse:

— Não quero acertar porra nenhuma. Eu quero ir pra casa, dormir.

— Eu vou junto — disse Dinda. E aproximou-se de Haroldo, que se esforçou para não demonstrar emoção. Simplesmente disse:

— Não vai porra nenhuma.

— Tô precisando dum lugar pra dormir, cara — olhou sério para Haroldo. — Prometo que não vou te encher o saco. Só dormir. Depois vou embora, volto pra casa da mãe. Agora não posso ir lá, não tenho onde dormir.

Os dois ficaram se examinando. Ela notou os cabelos castanhos de Haroldo, repartidos de lado, e os dentes amarelados e estragados. Ele não conseguia libertar-se dos olhos e passar para o resto. Pegaram o ônibus Assis Brasil. Ela ficou admirada com o apartamento. Haroldo disse que era um lugar seguro. Já estava pensando em comprar alguns móveis.

— Eu gosto assim — disse Dinda —, parece grande. Acho que só precisa uma mesa aqui na sala — e foi olhar a geladeira. Só havia uma bisnaga de patê de presunto, pela metade.

— Só tem isso? — perguntou.

— Só.

Comeram o patê e foram para a cama.

II

Haroldo acordou antes. Olhou para o relógio: duas da tarde. Sentiu o estômago completamente vazio, mas não levantou logo. Ficou olhando para Dinda, admirado com o

que acontecera. Tentou adivinhar algumas coisas. Ela devia ser de boa família; as mãos tão lisas e brancas provavam que nunca trabalhara pesado. Os braços sem furos mostravam que ainda não entrara no pico. Se a família tem dinheiro, pensou Haroldo, ela ainda chega lá. Os cabelos meio sebosos podiam ter duas explicações: não gostava de tomar banho, ou saíra de casa há mais tempo. Acariciou-lhe os pêlos finos e claros do braço.

Ela abriu os olhos. Haroldo ficou assustado; não sabia o que dizer. Ela sorriu e beijou-lhe a testa.

— Bom-dia — resmungou Dinda.

— Bom-dia — disse Haroldo, pouco à vontade. Ela beijou-o outra vez e saiu da cama, enrolada no cobertor xadrez de lã.

— Tá frio — reclamou.

Haroldo abraçou-a e friccionou seus braços em torno do corpo de Dinda, enquanto dizia: — O chuveiro tem água quente. Se tiver a fim de um banho, pode tomar.

Ela achou a idéia ótima. — Então — disse Haroldo —, enquanto tu toma banho, eu vou comprar alguma coisa pra gente comer.

Ele comprou frango assado, quatro cervejas e um pão de meio quilo. Quando voltou, encontrou Dinda sentada na cama, ainda enrolada no cobertor, mas com os cabelos molhados e revoltos.

— Tem um pente aí? — perguntou Dinda.

— Só o meu, ali no banheiro — respondeu Haroldo.

— Eu não vou usar aquela porcaria. Não adianta nada lavar o cabelo e depois passar uma coisa suja daquelas — Dinda parecia ter perdido todo o bom humor. Levantou-se e foi para a cozinha, onde Haroldo preparava a pequena mesa de fórmica para a refeição.

— Parece que tu não tá muito feliz — disse Haroldo.

— Não tô mesmo. Algum problema?

Comeram em silêncio. Haroldo tentou elogiar o frango, mas ela permanecia muda e triste. Terminaram. Ela ajudou a lavar os pratos.

— Deu pra matar a fome, guria? — Dinda respondeu de má vontade:

— Deu, cara, deu.

Haroldo achou melhor não insistir. Foi até o banheiro e ligou o radinho de pilha. Gostava muito de evacuar ouvindo música. Dinda ouviu e gritou:

— Desliga esse troço, por favor.

— Eu só consigo cagar com música. Te incomoda?

— Incomoda sim. Ainda mais essa música horrível.

— Eu gosto.

— Então pelo menos muda de estação.

— Eu só ouço a Caiçara.

— É uma merda.

— Eu gosto.

— Claro que tu gosta. Ela só toca música bagaceira, pros babacas como tu ficarem ouvindo.

Haroldo não respondeu. Era uma perda de tempo ficar discutindo uma bobagem daquelas. Dinda caminhava de um lado para o outro.

— Eu quero sair — disse.

— Pra onde?

— Arranjar um lance legal. Um pouco de pó. Eu tô mal, cara.

— Quantos anos tu tem?

A pergunta irritou Dinda: — Não te interessa.

Haroldo sentou na cama, também irritado.

— Pode sair, guria. Só que eu não entendo como é que tu pode dormir bastante, comer bem e logo ficar tão puta da cara. Qual é o problema? Tá arrependida de ter trepado comigo?

— Cara — disse Dinda —, não tô a fim de conversar.

— Eu sei. Tu tá a fim dum brilho.

— Exatamente, cara.

— Meu nome é Haroldo.

— Eu pensei que fosse Mário.

— Te manda.

Dinda vestiu-se em silêncio, abriu a porta e saiu, sem olhar para trás. Haroldo foi até a janela e abriu a veneziana. Pôde ver Dinda no momento em que ela saía do prédio. Andava depressa, com as mãos nos bolsos. Haroldo reparou que ela levava alguma coisa no bolso direito. Ela parou na esquina e encostou-se num poste. Haroldo correu até a gaveta onde guardava o 38 e abriu-a. Estava vazia. — Merda —

murmurou. E precipitou-se para fora do apartamento. Desceu as escadas rapidamente e começou a correr pela calçada. Enquanto corria, viu um carro parar na esquina em que Dinda estava. Ela encostou-se no carro, tirou o revólver do bolso e apontou-o para o motorista, que destravou a porta da direita e deixou-a entrar. Haroldo alcançou-a quando estava fechando a porta. Não conseguiu, porque Haroldo era mais forte e impediu-a. Dinda desistiu de puxar a porta e apontou o revólver para Haroldo, dizendo:

— Te manda, cara.

— Uma pica — disse Haroldo, notando que um outro carro havia parado logo atrás e uma mulher começava a dar gritos histéricos na calçada oposta. Com um gesto brusco, empurrou o banco de Dinda para a frente e entrou no carro, sentando-se no banco de trás.

— Arranca, cara — ordenou Haroldo para o motorista. O carro começou a andar. O motorista estava com a perna trêmula e não conseguia dirigir direito.

— Te acalma, cara — disse Haroldo. Dinda olhou para trás e apontou o revólver outra vez.

— O que tu quer? Me deixa em paz.

— Eu quero o meu revólver de volta.

— Eu ia te devolver. Só peguei emprestado.

Haroldo falou com rispidez: — Nunca vi uma guria tão maluca e imbecil quanto tu. Roubar um carro com o motorista dentro, às quatro da tarde, é coisa de débil mental.

— Eu não quero o carro — disse Dinda. — Só quero que o cara aí me dê uma grana.

O motorista falou pela primeira vez:

— Não tem problema. Podem levar tudo — Dinda encostou o cano do revólver na barriga do motorista.

— Quanto dinheiro tu tem aí? — perguntou ela.

— Mais de trinta mil.

— Onde estão?

— Na minha carteira, dentro da pasta, aí no banco de trás.

— Passa a pasta pra mim, Haroldo — Haroldo irritou-se. Tinha se esforçado pra não mostrar o rosto, e agora a idiota o chamava pelo nome.

— Haroldo é a mãe.

Dinda parecia divertida. — Desculpe, desculpe. É que não entendo muito dessas coisas... Passa a pasta, Mário.

— Eu não tenho nada a ver com essa besteira. Pega a pasta sozinha, se quiser — Dinda estendeu o braço para trás e pegou a pasta. Na carteira, sete notas de cinco mil. Pelo menos três gramas, talvez mais. Dinda estava feliz. Esvaziou a carteira e jogou-a pela janela. — Agora pode parar essa merda — ordenou. O carro parou. Antes de abrir a porta, Dinda coçou a nuca do motorista com o cano do 38 e ameaçou: — Se fizer alguma besteira, te mato, sacou?

— Não vou fazer nada — disse o motorista, nervoso.

— Eu quero que tu siga em frente, sacou? Sem olhar pra trás, legal? — o motorista ficou quieto. — Tá legal? — insistiu Dinda.

— Tudo bem — conseguiu resmungar o motorista.

Dinda desceu. Haroldo logo depois. O carro arrancou cantando os pneus. O motorista não olhou para trás. Ninguém na calçada notou qualquer coisa de anormal.

— Me passa o revólver — disse Haroldo, irritado.

— Te devolvo no apartamento.

— Tu não vai voltar lá.

— Aqui tem muita gente.

Haroldo segurou o braço de Dinda com tanta força que ela gritou. Depois, arrastou-a para dentro de um bar e os dois sentaram-se na mesa mais ao fundo.

— Tira ele do bolso e passa pra cá.

Sem reclamar mais, Dinda passou o revólver para Haroldo, num gesto rápido e discreto. — Gostei de ti cara — disse.

— Tu é pirada.

— Posso te visitar?

— Não.

— Ótimo. Eu vou logo que puder — levantou-se. — Agora eu tenho que transar uns lances por aí, tá legal?

Haroldo permaneceu calado.

— A gente se vê — disse Dinda, e saiu.

Haroldo pediu uma cerveja e ficou pensando na maluca que tinha encontrado. Depois, voltou para o apartamento, sentou na cama e tentou definir o que estava sentindo. Não conseguiu.

III

Ela voltou às dez da noite. Haroldo estava se preparando para sair. Quando ouviu as batidas na porta, teve certeza que era Dinda. Ela entrou e sentou-se na cama. Parecia ótima e bem-disposta.

— Eu te disse que não era pra aparecer — disse Haroldo.

— Dizer tu disse, mas tu queria que eu aparecesse.

Haroldo sentiu-se envergonhado: — Não sei por quê.

Dinda sorriu e continuou: — Não adianta disfarçar, cara. Tu gostou de mim. Tá na cara.

Haroldo fez a cara mais cínica que podia e foi para a cozinha, ver se a água do café já tinha fervido. Quando voltou, Dinda estava enrolando um baseado. Haroldo sentou num banquinho e ficou observando. Dinda terminou o serviço e acendeu, dando uma tragada profunda, com os olhos fechados. Depois, estendeu o pequeno cigarro para Haroldo.

— Tá a fim dum pega?

— Não — disse Haroldo.

Dinda ficou surpresa. — Não quer? É fumo bom, comprei dum traficante que sempre apresenta coisa boa. Não tem esterco misturado, nem erva-mate.

— Não tô com vontade.

— Então te fode, Haroldo — e deu outra tragada, desta vez olhando para os olhos de Haroldo, sensual, quase erótica. — Vai dizer que tu é caretão?

Haroldo sorriu.

— Nunca ouvi falar de bandido careta.

— Eu não sou bandido — disse Haroldo, divertido.

— Mas é careta?

— Não gosto de fumo antes de ir trabalhar. Dá sono.

— Bobagem.

— Conseguiü a coca?

— Claro, cara. Tá pensando que sou babaca pra ficar numa boa com uma merda numa maconha dessas?

— Quanto a grama?

— Dez mil. Até que foi barato.

— Comprou de quem?

Dinda ficou desconfiada: — Não entrego as minhas bocas. Nunca.

— Já cheirou tudo?

— Qual é, cara? Tá me interrogando? Fica na tua, tá legal? — Dinda apagou o baseado no chão. Depois, abriu a bolsa e tirou um pequeno retângulo de papel prateado, muito fino e delicado. Haroldo observava tudo tentando transparecer irritação. Mas não conseguia. Só pensava em beijar aquela boca e segurar aquele corpo pequeno com muita força.

— Tem um espelho aí?

— Só o do banheiro.

— Pega ele pra mim?

Haroldo foi até o banheiro e trouxe o espelho. Dinda colocou-o sobre os joelhos, abriu o envelope e derramou em cima da superfície lisa um montinho de pó branco. Depois, com uma gilete que também trouxera na bolsa, começou a mexer no pó, meticulosa, amassando, separando, voltando a juntar tudo, num trabalho que parecia agradável, mas nervoso.

— Faz tempo que tu saiu de casa? — perguntou Haroldo.

— Dois dias — disse Dinda.

— Por que saiu?

— Não agüentava mais os velhos. Tava ficando maluca.

— Eles enchiam o saco?

— Demais, cara. Eu nem podia dormir. De manhã, vinha a empregada e abria a janela. Se eu não levantasse, vinha o pai e me empurrava pra fora da cama. Aí vinha a mãe e me defendia. Aí o pai dava uns berros com ela e ela começava a chorar. Muito barulho. Eu nunca conseguia dormir. Acabava saindo de casa às nove da manhã.

— E ia pro colégio?

— De vez em quando.

— Não gosta do colégio?

Dinda olhou para Haroldo. Ele sentiu aqueles olhos claros nos seus e baixou a cabeça: — Tudo bem, gurria, não aporrinho mais.

— Não gosto de conversar quando tô fazendo as carreiras — por algum tempo, Dinda trabalhou em silêncio. Quando

terminou, olhou para Haroldo outra vez: — Vai querer quantas?

— Não quero.

— Tá brincando, cara. Esse pó é puríssimo.

— Tô saindo. Vou trabalhar.

— E daí? Tu vai ficar ligado, sem sono.

— No meio da madrugada, quando o brilho passar, vai ser uma merda. Não quero.

Dinda desistiu. Cheirou sozinha as seis carreiras. Mas não parecia estar feliz:

— Acabou, cara. Tua culpa. Eu tinha guardado pra amanhã, mas agora já acabou.

— Minha culpa porra nenhuma.

— Eu tava bem, fumando o meu baseado, e tu me lembrou do pó.

— Problema teu.

Mas Dinda já estava feliz outra vez. Apoiada pelos cotovelos, sorrindo para Haroldo, ela parecia uma bonequinha. Haroldo beijou-a devagar, na boca. Dinda retribuiu com mais força e segurou a nuca de Haroldo, puxando-o contra si. Ele sentiu a língua de Dinda intrometer-se entre os seus dentes. Então ela levantou-se e tirou a roupa. Haroldo olhou com atenção para os seios de Dinda. Eram pequenos. Passou a língua sobre os bicos escuros. Abraçaram-se. Haroldo puxou-a para a cama e deitou-se sobre ela, beijando-lhe os cabelos e apalpando as coxas macias de Dinda. Quando preparava-se para penetrá-la, a porta desabou e os quatro homens entraram com as armas na mão.

IV

— Polícia! — gritou um deles, apontando um 45 para a cama. Sentindo que não podia fazer nada, Haroldo levantou-se e ergueu os braços. Reconheceu logo dois policiais. Eram os inspetores Romeu e Cristóvão. Com eles tudo bem. Os outros dois, Haroldo não conhecia. Como estavam mais atrás e não tinham falado nada, provavelmente eram novos na delegacia. Isso era mau.

Dinda havia se coberto com um lençol. O inspetor

Romeu, sempre apontando a arma para Haroldo, foi até a cama, jogou longe o lençol e observou Dinda, nua e trêmula. Em seguida, sorriu para Haroldo:

— Tava numa boa, Haroldinho?

Haroldo ficou quieto.

— Desculpa a gente estragar a trepada — continuou Romeu. — A gente não gosta de se meter nessas, né, Cristóvão?

O outro inspetor sorriu e disse: — Tá fodido, Haroldinho. A mãe dessa guria tá lá na delegacia, desesperada. Já ligou pra meio mundo. Secretário de Segurança e o caralho. Tava todo mundo atrás dela desde ontem.

Virou-se para os outros dois homens e apontou para Haroldo. — Tão vendo aquele cara meio pelado? É o Haroldinho. Rapaz decente. Boa gente. Mas de vez em quando dá mancada, se mete onde não devia — voltou a encarar Haroldo. — Faço questão de apresentar estes dois novos colegas — continuou Cristóvão. — Começaram ontem, saíram há um mês da escola. Esse aqui é o Maninho — e bateu no ombro do mais alto — e esse aqui é o Jaques.

Haroldo continuou calado. O inspetor Romeu encostou o revólver na orelha de Haroldo: — Não vai cumprimentar os caras, Haroldo?

— Prazer — disse Haroldo.

— Tu já foi mais educado, Haroldinho.

— Muito prazer — disse Haroldo, e sorriu, cordial.

Romeu afastou o revólver. Jaques e Maninho riam, divertidos. Romeu olhou para Dinda e disse: — Te veste, guria — mas Dinda continuou deitada, com medo, envergonhada com a nudez.

— Ah, desculpe, senhorita — disse Romeu. — Eu sei que a senhorita tá pelada, e tem muito homem por aqui.

Olhou pra Jaques. — Por favor, inspetor Jaques, acompanha a senhorita até o banheiro — virou-se para Dinda, agora autoritário: — Vamos lá, senhorita — Dinda levantou-se, enrolada no cobertor, pegou as roupas caídas no chão e entrou no banheiro. Jaques fechou a porta, agachou-se e ficou olhando pelo buraco da fechadura. Maninho sorria, adorando seus primeiros passos na carreira policial. Cristóvão chegou mais perto de Haroldo. Romeu falou baixo:

— Agora deu pra comer menina rica, Haroldo?

— Talvez — respondeu, enquanto odiava muito o homem que espiava para o corpo de Dinda.

— Não tem um negócio pra gente comer por aí? — perguntou Cristóvão. — Quem sabe a gente vai até a cozinha dar uma olhada?

Cristóvão empurrou Haroldo até a cozinha. Antes de fechar a porta, Romeu disse:

— Maninho, eu quero que tu faça uma revista cuidadosa nessa sala. Eles tavam cheirando. Vê se acha pó ou erva, qualquer coisa. Serviço de branco, tá? — Maninho acenou com a cabeça e começou a sua busca. Romeu fechou a porta e abaixou o 45.

— Que merda, Haroldo — résmungou, ríspido. — Tu vive dando cagada por aí, mas essa é demais.

Cristóvão sorriu: — Mas até que ela é bem gostosinha. É boa de cama, Haroldo?

Haroldo não achou graça. Perguntou: — Quem são aqueles dois caras, Romeu?

— Entraram ontem. Tão completamente por fora.

— Não quero saber. Tenho que sair. O Pepsi tá me esperando.

— Não é assim tão fácil, não, cara — disse Cristóvão. — Os homens tão em cima, o delegado tá com medo. Não dá pra bobear.

— Problema de vocês — disse Haroldo. — O Pepsi tá esperando.

— Isso aqui não tem nada a ver com o Pepsi, nem com ninguém da rede — disse Romeu. — Essa guria é de família. A mãe dela já aporrinhou o saco do delegado, já deu bronca com todo mundo, diz que a filha foi seqüestrada. Esses dois babacas aí fora tão por fora, vão contar tudo.

— Vocês ficam com a guria, e o apartamento já tá estourado mesmo. Mas eu fujo. Não quero saber — disse Haroldo.

— Não sei... — disse Romeu.

— Depois vocês se acertam com os caras.

— É arriscado — disse Cristóvão. Pensou um pouco e continuou: — Acho melhor botar pra quebrar.

— Tá maluco, Cristóvão. O delegado nos mata.

— O delegado que se dane — disse Cristóvão.

— O cara também não recebe? — perguntou Haroldo, ríspido. — E tem mais: o doutor tá soltando grana pra ele há horas, só que não sabe que o pobre delegadinho também tira por fora. Eu sei, o Pepsi sabe, e o doutor vai ficar sabendo se eu não sair daqui. Agora.

Romeu suspirou: — Não dá, Haroldo. E também tem a guria. Ela pode falar. Pode foder todo mundo.

— Eu falo com o Pepsi — cortou Haroldo. — Peço pra ele e ele consegue com o doutor uma gratificação especial, pra vocês e pro delegado, pelo risco.

Romeu e Cristóvão entreolharam-se. Tudo certo. Romeu olhou para Haroldo: — Não precisa queimar os dois. Um chega — Haroldo concordou.

Saíram juntos, Haroldo no meio dos dois inspetores. Quando Jaques levantou o olho do buraco da fechadura, Haroldo empurrou Cristóvão, deu um cotovelaço na barriga de Romeu e, já com o 45 na mão, apontou com cuidado para a testa de Jaques. O estrondo foi forte e Jaques estava com um imenso buraco na cabeça. Maninho parecia em estado de choque. Nem tinha sacado sua arma. Antes que se recuperasse, Haroldo correu para a porta da saída e desapareceu. O inspetor Romeu, ainda sem fôlego, berrou:

— O que tu tá esperando, imbecil? Vai atrás do cara!

O inspetor Maninho acordou e saiu correndo. Romeu e Cristóvão seguiram-no um pouco mais atrás. Desceram as escadas em cinco segundos, mas Haroldo já corria a meia quadra de distância. Maninho queria continuar correndo, mas Romeu o agarrou: — Cai fora, imbecil, ou leva um tiro.

Cristóvão segurou o 38 com as duas mãos, apontou com cuidado e disparou três vezes. Errou. Haroldo desapareceu na esquina. Romeu, apressado, disse para Maninho:

— Sobe lá e dá um olhada no Jaques. Chama o HPS e o delegado. Nós vamos pegar esse filho da puta — e saiu correndo atrás de Cristóvão, que já estava quase na esquina. Maninho voltou para o apartamento de Haroldo. Ajoelhou-se ao lado do colega e tentou sentir-lhe o pulso. Nada. Há um mês, estava colando dele na prova final de Legislação. A porta do banheiro abriu-se lentamente e Dinda apareceu, vestida, com uma expressão perdida e confusa no olhar. Fica-

ram se observando em silêncio, enquanto o sangue continuava a escorrer do buraco da testa de Jaques. Então Maninho lembrou-se das ordens e foi chamar uma ambulância. Dinda ficou sozinha no apartamento com o cadáver. Mas logo depois Maninho estava de volta. E depois dele muita gente: médicos, policiais, sua mãe, brigadianos, desconhecidos. Antes das seis da tarde estava de volta ao lar.

V

Ela só voltou uma semana depois. Haroldo começava a pensar que nunca mais a veria e esforçava-se para considerar esse fato uma ótima notícia. Contudo, não conseguia. Tinha que admitir, inclusive, que só continuava trabalhando ali porque talvez Dinda voltasse. Pepsi quisera transferi-lo para o interior, dar um tempo, mas Haroldo não queria sair do seu posto. Quando a viu outra vez, tremeu de emoção, como um babaca. Ela parecia não estar ligando a mínima. Entrou na casa, falou rapidamente com o chefe e saiu. Haroldo não podia segui-la; ainda faltavam quinze minutos. Quando Pepsi fez um sinal dizendo que podia ir embora, Haroldo caminhou rápido na direção da esquina onde Dinda desaparecera. Ela estava sentada num murinho, olhando para baixo.

— Oi — disse Haroldo.

— Oi — disse Dinda.

— Já me contaram o que aconteceu. Desculpe ter te deixado lá. Mas eu não tinha outra saída. Dei azar.

— Também foi obrigado a matar aquele cara?

— É.

— E fez o negócio sem piscar o olho.

— Qual é a diferença?

Dinda não sabia qual era a diferença. Levantou a cabeça e encarou Haroldo. Antes do encontro, pensava que as coisas certamente seriam diferentes. Mas agora, ali, na frente do mesmo homem, tudo parecia não ter mudado nenhum milímetro. Ele chamava-se Haroldo, e ela chamava-se Dinda. Ela procurou ser fria:

— Inventei que tu tinha me seqüestrado.

— Não faz mal.

— Tô com vergonha de ter dito esse negócio. Os

caras tão te procurando. Minha mãe disse que eles vão te matar.

— Eles podem me matar quando quiserem. Já tô fodido há muito tempo. Esse negócio de seqüestro só dá ibope enquanto o seqüestrado não aparece. Mas tu tá aí, inteirinha, até voltou pra casa da mamãe e do papai. A velha tinha mais é que agradecer. Não fosse eu, tu ainda tava por aí, nas ruas.

Haroldo chegou mais perto de Dinda e abraçou-a. Ela não respondeu ao abraço. Parecia confusa.

— Tá com medo de mim? — perguntou Haroldo.

— Não — murmurou Dinda.

— Então o que foi?

— Não sei.

— É bobagem ficar pensando no lance todo. Tu não conhecia o cara, eu também não. Um rato a menos nesse mundo de merda.

— Mas os outros também são ratos.

— São. Só que rato amigo. É um acordo. Só dança quem não entende o jogo. É o único jeito de fazer a coisa direito, com o mínimo de chateação. — Haroldo parou um pouco e sentiu que Dinda já estava mais animada. Continuou: — Mas, no fundo, eu não tenho nada a ver com isso. O chefe me paga pra cuidar dele. Só. No resto eu não me meto nem quero saber.

Dinda abraçou Haroldo, com força, e disse: — Sabe, cara, tu me lembra um monte de pessoas que eu detesto. Às vezes, tu fala igualzinho ao meu pai, como se eu fosse uma imbecil; às vezes tua cara é falsa como a dos professores, que tentam fazer de conta que tão interessados, mas tão cagando um monte pra tua cabeça.

— Tu é pirada.

— Eu gosto de ti. Acho que nunca gostei dum cara como gosto de ti. Mas eu queria te compreender melhor, sacou?

— Não.

— Não adianta só gostar. Eu já gostei dum monte de caras, mas eles sempre aprontam um lance fraco e eu fico puta da cara, porque como é que eu tava gostando dum cara se o cara é capaz de apresentar um lance fraco?

Como é que eu não vi logo que o cara não é legal? A culpa é sempre minha, porque logo depois eu tenho certeza absoluta que o cara era obviamente babaca antes de eu gostar dele.

— Não entendi nada.

— Tu é burro.

— Isso é um lance fraco?

Dinda pensou um pouco. E chegou à conclusão que ser burro não era um lance fraco. Além do que, obviamente, Haroldo não era burro. Começaram a caminhar, ainda abraçados.

— Não podemos voltar pro apartamento — disse Haroldo.

— Eu não voltava pra lá nem com banda de música.

— Dormi a semana toda na casa dum amigo meu, mas não posso te levar lá.

Dinda tirou do bolso um maço de notas de mil cruzeiros.

— Eu ganhei mesada hoje — disse.

— Tu vai dormir na tua mãe. Amanhã a gente se encontra de novo.

— Não posso voltar pra casa da mãe agora — disse Dinda. — Pra todos os efeitos, estou acampando em Santa Catarina e só volto semana que vem.

— E a tua mãe te deixou sair assim no mais?

— Eu disse que tava com paranóia dessa cidade. Que não podia ver gente, que todas as pessoas que eu olhava eram parecidas com o tarado que me seqüestrou. Eu tinha que dar um tempo. Como uns babacas lá do colégio iam acampar, disse que ia junto com eles. A mãe achou ótimo.

— Quanto dinheiro tu tem?

— Acho que uns cinqüenta mil.

— Por enquanto chega. Eu sei dum hotelzinho aqui perto que é bem barato. Eu conheço o dono, e o cara é limpeza. Se tu gostar...

Dinda estava feliz. Gostava da idéia do hotel e gostava ainda mais da idéia de ficar com Haroldo. Pediram um quarto de casal e brincaram de lua-de-mel. Haroldo carregou-a para dentro em grande estilo. A cama era pequena e rangia muito, mas isso não atrapalhou. Quando cansaram, perto do meio-

dia, Dinda fechou um baseado e os dois fumaram juntos. Os sonhos foram ótimos. Às nove da noite, acordaram, famintos, e foram comer um cachorro-quente na carrocinha do Colégio Rosário.

VI

Viveram como um casal feliz por quatro dias. Dormiam quase o dia inteiro. Onze da noite, Haroldo saía para o serviço. Dinda ficava no quarto, cheirando sua aparentemente inesgotável provisão de cocaína. Quando Haroldo voltava, eles saíam para comer alguma coisa. Depois, voltavam para a cama, faziam amor e dormiam outra vez. No quinto dia, Haroldo saiu à hora de sempre, mas voltou menos de vinte minutos depois. Encontrou Dinda com um elástico amarrado no braço e uma seringa na mão.

— Pra que essa merda aí? — disse Haroldo, agressivo.

Dinda estava envergonhada, mas procurou falar naturalmente.

— Hoje eu tava a fim duma coisa diferente.

— Vai dar o cu na praça, que é mais saudável.

— Vai ignorar, é? Tá pensando que é meu paizinho?

— Tu tem mais é que te foder, encher esses braços de furos, pra deixar de ser babaca.

Dinda tentou temporizar: — É só hoje, cara. Tu sabe que eu detesto pingo, me dá medo, eu odeio agulha. Mas hoje eu tava a fim. Só. A sensação deve ser mais forte, e eu quero ver como é. Não precisa ter medo; é bobagem.

— Eu não vou ficar cuidando duma magra meleca se arrastando pelas paredes, tá legal? Joga fora esse negócio.

Dinda, que há quinze minutos estava tentando reunir coragem para se picar, achou que era uma chance de demonstrar obediência. Tirou o elástico do braço e guardou a seringa, ainda cheia, numa pequena gaveta do armário. Haroldo sentou na cama, desanimado.

— Perdi o emprego — disse.

— Por quê?

— O Pepsi acha que a Polícia Federal tá atrás dele.

— E a Federal não entra no acordo?

— Entra e não entra. Tem gente de confiança, mas

também têm uns caras que querem aparecer, ganhar promoção, essas coisas. Aí, de vez em quando, querem mostrar serviço e matam uma meia dúzia de pé-de-chinelo.

— Quanto tempo o Pepsi vai esperar?

— Não sei. Ele disse que mandava recado.

Dinda acariciou os cabelos de Haroldo. Tentou convencê-lo a bater umas carreiras, mas ele não quis.

— Eu já tava mesmo de saco cheio desse serviço. Mas agora não tem mais grana pra comida — Haroldo estava irritado. — Gastamos todo o dinheiro da tua mãezinha comendo em restaurante de burguês. Eu disse que não, que não valia a pena, mas a menina bateu o pé, e chorou, e comeu bem. Agora tamos fodidos. Não tem nem prum cachorro-quente.

Dinda também se irritara. Não gostava que falassem com ela como se fosse criança. — Tu não comeu, por acaso? O dinheiro era meu, eu te levei junto, e tu vem bancar o irritadinho. Não gosto desse negócio. Fica na tua, cara.

Haroldo gostava quando Dinda se irritava. Os olhos claros se enchiam de luz e os cabelos dançavam para um lado e para o outro. Era tremendamente sensual. Haroldo forçou-a a deitar-se e brincarem de estupro. Dinda adorava ser agarrada pelos pulsos e ficar indefesa, fazendo força para fechar as pernas. Mas Haroldo era mais forte, abria-lhe as pernas e batia-lhe no rosto, até que vinha o orgasmo, forte e violento. Haroldo a chamava de putinha, e Dinda o chamava de animal, filho da puta e covarde. Quando terminaram, Haroldo voltou à discussão:

— Tu não podia conseguir mais dinheiro com a tua família?

— Se eu der sinal, eles vêm e me carregam — disse Dinda. — E eu também não gosto de pedir favor.

Haroldo passava a mão devagar pelo rosto de Dinda. Estava apaixonado, não tinha mais dúvidas, por uma menina rica e infantil, que provavelmente iria trazer montes de problemas. Mas não estava arrependido.

— Tu podia pedir um resgate.

— Resgate? — Haroldo estava surpreso.

— É, resgate — confirmou Dinda. — Faz de conta que tu me seqüestrou.

— Outra vez?

— Por que não?

— Não dá. Os caras me acham fácil.

— Tô com vontade de comer um cachorro-quente.

— Não dá. É muito complicado transar um seqüestro, ainda mais fazer repeteco. E nem vale a pena. Tem jeito muito mais fácil de conseguir uma grana limpa.

Dinda lembrou-se do assalto ao carro, no dia em que conhecera Haroldo, e ficou entusiasmada. — Claro! É fácil pra caralho.

Haroldo não gostou: — Fácil porra nenhuma. Tu vai ficar bem quietinha aqui, eu vou transar esse lance e depois volto, tá legal?

— Essa é que não. Quando eu fiz aquele assalto — coisa de débil mental, tu mesmo disse — , tu te meteu e quase estragou tudo.

— Nada a ver — cortou Haroldo. — O revólver era meu.

— Não interessa; eu vou junto.

— Uma pica.

Dinda decidiu parar a discussão por ali. Não adiantava coisa nenhuma. O importante era agir. Levantou-se, foi até a janela e olhou para fora. No meio da quadra, um Corcel II com duas pessoas dentro, namorando. Dinda fez um sinal para Haroldo aproximar-se e apontou para o carro.

— Não dá — disse Haroldo. — Muito perto do hotel.

— Trova — disse Dinda. — Ali tá escuro pra burro. A gente pega as nossas coisas, tira os caras de dentro do carro, pega a grana deles e se manda. Vai ser moleza.

Haroldo sorriu e apontou para o carro, onde os dois namorados agora estavam um por cima do outro:

— E tu vai ter coragem de interromper aqueles dois? Olha só como eles tão numa boa.

Dinda não riu. Olhava com atenção para o carro.

— Se nós vamos fazer — disse ela — , é melhor fazer agora. Os babacas só vão nos ver quando a gente tiver em cima deles.

Haroldo pensou um pouco. No fundo, ela tinha razão. Cedo ou tarde, teria de fazer alguma coisa; então, melhor fazer já. Agarrou o braço de Dinda e apertou-o com força. Ela gemeu.

— Tudo bem — disse Haroldo —, vamos lá. Mas eu quero que tu entenda uma coisa — e apertou o braço de Dinda ainda mais —, tu vai ficar ali na esquina, quietinha, olhando, sem atrapalhar, legal?

Dinda ficou quieta.

— Legal? — e apertou o braço até sentir o osso.

— Tá me machucando — gemeu Dinda.

— Ótimo. Presta bem atenção: eu não quero ajuda, sacou? Não preciso, não quero. Se tu fizer alguma coisa, te encho de porrada.

— Tá legal; já entendi — disse Dinda. Olhou para Haroldo. — Pode largar o meu braço, faz favor?

Haroldo largou-a. Foi até o armário e pegou o revólver. — Vamos embora — disse. — Pega as tuas coisas — Dinda esvaziou o armário, colocou tudo dentro de um saco plástico e disse que estava pronta. Desceram a escada em silêncio. O dono do hotel estava dormindo.

Dinda ficou escondida na sombra de uma parede. De onde estava, podia acompanhar facilmente os movimentos de Haroldo; e, se preciso, era capaz de chegar rapidamente no carro. O casal ainda estava muito agitado. Deve estar ótimo, pensou Dinda, com um pouco de desprezo. Haroldo, com um cigarro aceso nos lábios, aproximava-se devagar. Quando chegou na janela do motorista, sacou a arma e apontou. Dinda tentou ouvir alguma coisa, mas não conseguiu. Logo depois, o motorista e a sua companheira saíram. Haroldo apontava a arma ora para um, ora para outro. Dinda forçou os olhos e estremeceu. Eram três silhuetas apenas. Uma a de Haroldo. Outra a do motorista, gordo, desconhecido. Mas a outra Dinda conhecia. Era Roberta, sua amiga no colégio, talvez a única amiga que tinha no colégio. Saiu correndo em direção ao carro. Tinha que avisar Haroldo. No meio do caminho, gritou:

— Haroldo!

Haroldo virou-se para ela, assustado. A guria aproveitou a distração e começou a correr. Haroldo percebeu e apontou a arma para ela. Mas, no momento em que ia disparar, Dinda empurrou-lhe o braço para cima. Haroldo errou. A guria desapareceu.

— É minha amiga — gritou.

Haroldo derrubou-a no chão. — Merda! Eu disse que era pra ficar quieta.

— Mas era a Roberta, minha amiga. Não ia...

— Não interessa — cortou Haroldo. Olhou para o motorista, que estava apavorado, e pensou em dar um tiro. Dinda levantou-se e também olhou para o homem. Como a sua amiga podia estar namorando um gordo asqueroso daqueles?

— Era a Roberta, não era? — perguntou Dinda.

— Roberta? Que Roberta? — disse o homem. E caiu no chão, atingido por um violento pontapé de Haroldo no meio das pernas.

— Entra no carro — ordenou Haroldo para Dinda. Ela foi para o banco de trás. Pouco depois, o homem gordo também estava lá, ao seu lado, se contorcendo de dor. Ao longe, soou uma sirene. Haroldo entrou rápido no banco da frente e arrancou, com o revólver ainda na mão. Depois da primeira esquina, passou a arma para Dinda e gritou:

— Vê se faz alguma coisa de útil. Aponta essa merda na nuca desse cara. Se ele tentar sair, atira.

Mas Dinda estava chorando como uma criança. Haroldo, sem diminuir a velocidade, fechou a mão e bateu com força no rosto de Dinda.

— Não chora, porra! — Dinda tentou parar de chorar. Foi difícil, mas conseguiu:

— Eu pensei que era uma amiga minha. Tava escuro.

— E veio correndo salvar a amiguinha.

— Desculpe.

— Desculpe porra nenhuma.

Haroldo virou-se rápido para Dinda. Apenas um instante, para saber se podia contar com ela. Não podia ter dúvidas agora.

— Dinda — disse Haroldo —, nós temos que ser rápidos, sacou? Rápidos! Faz tudo o que eu mandar. Se não fizer, te largo na mesma hora. Tá legal?

Dinda concordou. Quase no mesmo instante, Haroldo freou o carro violentamente, ao lado de um táxi que tinha acabado de descarregar um passageiro. Haroldo arrancou o revólver das mãos de Dinda, saiu do carro e atirou na testa do motorista. O estrondo paralisou Dinda. Haroldo berrou:

— Saí daí e entra no táxi — enquanto Haroldo jogava o corpo do motorista para fora, Dinda tentava escapar das mãos do homem gordo, que a segurava e dizia que não fosse, que os dois iriam morrer. Haroldo bateu com a coronha do 38 na têmpora do gordo e ele se aquietou. Com a ajuda de Dinda, Haroldo levou o gordo para o táxi. Logo estavam rodando outra vez, agora mais devagar, quase no fim da avenida Ipiranga. Aparentemente, não estavam sendo seguidos.

— Se o cara bobear de novo, me avisa — disse Haroldo.

— Tu não precisava matar o cara do táxi — disse Dinda.

Haroldo não respondeu. Passou o revólver outra vez para Dinda. Ela o segurou por um instante e depois deixou-o cair aos seus pés. Estavam na estrada de Viamão. A noite era clara. Haroldo apagou os faróis. Ninguém falou por algum tempo.

Dinda começou a remexer no saco plástico em que carregava as coisas trazidas do hotel.

— Qual é o problema? — perguntou Haroldo.

— Nenhum — disse Dinda.

Com gestos secos, Dinda vasculhou o fundo do saco até encontrar o que queria: a garrafa de Velho Barreiro pela metade — comprada naquela tarde — e o envelope prateado com o resto do pó. Haroldo percebeu que Dinda derramava todo o conteúdo do envelope dentro da garrafa.

— Não toma essa merda — disse.

— Vai te foder.

— Se tomar, eu te joga pra fora do carro.

— Então joga — e bebeu.

Haroldo tentou tomar-lhe a garrafa, mas Dinda não deixou. O carro começou a derrapar. — Merda — disse Haroldo, e decidiu esquecer o que quer que acontecesse no banco de trás. Em dez minutos, Dinda esvaziara a garrafa. O gordo recuperava-se, gemendo.

— Dá um jeito de calar a boca desse cara — disse Haroldo.

— Quer que eu dê um tiro nele?

— Não te faz de vítima, tá legal?

— Qual é a diferença? O cara do táxi ficou bem quietinho.

Haroldo tentava observar Dinda pelo espelhinho, mas o máximo que conseguiu foi um relance nos olhos da menina, muito claros, lúcidos, aparentemente tranquilos.

— Pra onde a gente tá indo? — perguntou Dinda.

— Pra praia — disse Haroldo.

— Não gosto de praia no inverno.

— Se não quer ir, tudo bem; eu paro o carro e tu desce.

— E esse cara?

— Tu não tava a fim de dar um tiro nele? Eu acho uma boa idéia. Ele é a única pessoa que conhece a tua história. Dá um tiro nele e depois diz que eu te seqüestrei. Ninguém vai duvidar.

O gordo retorceu-se todo e vomitou.

— Pára essa merda, Haroldo.

— Não dá.

— O cara tá me enchendo de vômito.

— Dá um tiro nele que ele pára.

Haroldo não sabia por que, mas queria muito que Dinda atirasse. E ela atirou. Haroldo pisou no freio e encostou o carro. Olhou para o banco de trás. Dinda segurava o revólver na mão direita e estava debruçada, imóvel, quieta, em cima do gordo. Haroldo puxou-a pelo braço. Dinda não reagiu. Na estrada deserta, Haroldo só ouvia os grilos.

— Deixa eu tirar esse cara do carro — disse Haroldo.

A resposta foi um soluço.

Haroldo segurou Dinda com força e sentiu que ela estava morta. Arrastou o corpo para fora do táxi e estendeu-o no acostamento. Dinda atirara em cima de seu pequeno seio esquerdo. Haroldo olhou pela última vez para os olhos claros, tranquilos e infantis de Dinda. Depois, pegou o revólver e tirou o gordo do táxi. Ele continuava soluçando. Ajoelhou-se logo que Haroldo mandou. O tiro veio logo e os soluços acabaram. O gordo caiu ao lado de Dinda, com um pequeno buraco no meio da testa. Haroldo voltou para o carro e arrancou. Dirigiu em silêncio por alguns minutos. Então, gritou, muito

alto, o nome de Dinda, e chorou. Mas logo descobriu que o choro não iria acalmá-lo. E concentrou-se na longa reta à sua frente. O táxi ganhou mais velocidade e desapareceu na escuridão.

Um cachorro veio cheirar os cadáveres. Lambeu muito sangue, pois estava com fome. Depois, saciado, sentiu sono e adormeceu, bem no meio dos dois corpos, usando-os como um abrigo contra o frio da noite. Quando o sol nasceu e os homens chegaram, ainda estava ali, com o focinho apoiado na barriga de Dinda. Enxotado, ficou zanzando por ali algum tempo, enquanto mais e mais homens e veículos chegavam. Então, vendo que não havia mais comida para o café da manhã, desapareceu numas macegas.